

**XI BRASA CONFERENCE 2012 (Champaign-Urbana)**  
**Panel Name: Literature of the Northeast**

**O Sertão de Graciliano**

Cristiana Tiradentes Boaventura (USP/FAPESP)\*

Abordarei nessa comunicação três crônicas de Graciliano Ramos presentes em *Linhas Tortas* e *Viventes das Alagoas*. Estes dois livros contém textos produzidos entre 1935 e 1945, compilados após a morte do escritor. Pretendo investigar aqui como são apresentados a noção de *sertão* e de *cidade* nas crônicas *Marcha para o Campo*, *Linhas Tortas* e *Antonio Silvino*. Meu viés de leitura nesta investigação pautou-se nas discussões a respeito do contraste entre litoral e sertão, binômio largamente utilizado como chave interpretativa para a reflexão sobre o Brasil que remete, dentre vários outros significados, ao contraste entre o desenvolvimento das regiões da costa brasileira e o interior do país<sup>1</sup>.

De fato, a essa época, o processo de modernização do Brasil ou, como se dizia à época de Graciliano, de desenvolvimento do Brasil, foi uma questão amplamente discutida e que estava disseminada não só entre os homens de política, mas também entre os intelectuais acadêmicos, os escritores e artistas em geral. As categorias litoral e sertão foram operadas de várias modos, manipuladas conforme interesses e está presente a longo tempo na tradição interpretativa do Brasil. Vale lembrar aqui a tese de Raymond Williams, no livro *The country and the city* (traduzido no Brasil como *O campo e a cidade*), de que as interpretações e a valorização do campo ou da cidade modificam-se e alternam-se ao longo da história, operados sempre de acordo com interesses econômicos e políticos: “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e de um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (Williams, 2011: p. 21).

---

\* Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura Brasileira (DLCV/FFLCH) da Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP.

<sup>1</sup> Devo as minhas reflexões sobre o assunto e o meu interesse por essas questões ao livro da pesquisadora Nísia Trindade Lima, *Um sertão chamado Brasil*, no qual a autora aborda os mais diferentes significados que foram atribuídos a sertão e a litoral.

Essa afirmação parece-me poder contribuir com o esforço de compreensão do período de Graciliano. Muitos discursos operavam com as categorias campo-cidade de acordo com as intenções perseguidas, seja como argumento para operações getulistas, seja pela esquerda, ou ainda pela intelectualidade acadêmica. Sabemos que sertão é uma categoria bastante movediça, que já rendeu inúmeros importantes estudos e que aqui não poderíamos nos alongar. Houve num período, significado de espaço geográfico demarcado. Foi utilizado para definir todo o interior do Brasil. Houve também um uso bastante simbólico para diferenciar o interior dos centros “civilizados”. Enfim, o que nos cabe aqui é tentar extrair o significado de sertão e de cidade nestas crônicas de Graciliano, formulando, para isso, algumas questões para os textos: em que medida Graciliano se vale da matriz litoral-sertão nestas crônicas? Como é pensado o sertão e o seu par contíguo cidade? É possível extrair um único olhar de Graciliano para a questão?

Adiantando-me a algumas conclusões, é preciso apontar para a construção dos textos atravessados por essa matriz, seja para servir ao debate em torno da extrema carência das regiões mais afastadas dos grandes centros, seja para apresentar conclusões que diluem e desfazem uma possível divisão fronteiriça. Não é possível estabelecer apenas um significado de sertão ou de litoral nestas crônicas, um único olhar para a questão entre campo e cidade. Há sim uma escritura que podemos observar algumas ambiguidades.

Antes, todavia, de passar aos textos de Graciliano Ramos propriamente gostaria de chamar a atenção para dois modos de lidar com esse binômio, identificados nos discursos de forma frequente. De acordo com Nísia Trindade Lima, no período da institucionalização das universidades paulistas a matriz litoral-sertão foi inúmeras vezes trabalhada e de formas muito variadas. Dois frequentes modos, segundo a autora, são: a partir do entendimento de sertão como algo original e a partir da dicotomia atraso-moderno, que serviu para discutir as mudanças sociais, os efeitos da industrialização e sobre a necessidade de um alargamento das fronteiras da “civilização”.

No primeiro caso, aplica-se a ideia de sertão como metáfora de algo genuíno, nacional. Representa uma cultura autêntica em contraste com uma civilização de copistas. Essa perspectiva em cujo polo positivo se encontra o sertão serviria para criticar tanto o pensamento intelectual voltado para valorizar teorias estrangeiras sem

a devida mediação, como também um suposto esforço da população urbana em criar hábitos mais europeizados e de valorizar a cultura estrangeira.

No segundo modo, litoral estaria num polo positivo e sertão num polo negativo. Essa perspectiva tem desdobramentos diversos que passam pelo entendimento do homem caipira e sertanejo como afastado da “civilização”. Há também os que acreditavam na necessidade de incorporar o sertão ao progresso experimentado na cidade, de democratizar a cultura, de uma uniformização sociocultural. Tudo obviamente configurado por um olhar do intelectual da cidade. É preciso dizer que esse olhar não pressupõe, necessariamente, uma leitura engessada. Um olhar dialético para a questão esteve presente entre os principais pensadores.

Elegi fragmentos de cada uma das crônicas que pontuam algumas problemáticas que acredito estarem presentes. Por eles podemos perceber diferentes enfoques de Graciliano para a questão, que passo agora a elencar.

Realmente o Brasil sofre duma espécie de macrocefalia. Enquanto a capital se desenvolve enormemente para cima e para os lados, importando por avião e transatlântico os bens e os males da civilização, o campo definha, pacatamente rotineiro, longe da metrópole no espaço e no tempo. Faltam-lhe vias de comunicação – e certos lugares, verdadeiras ilhas no mundo atual, pouco diferem do que eram sob o domínio dos capitães-mores.

Parece que o homem da roça experimenta uma certa vergonha da sua origem, vergonha provavelmente causada pela pobreza que ali reina. É essa humilhante sensação de inferioridade que o faz despregar-se facilmente do seu torrão e desejar esquecê-lo depressa.

(Fragmentos da crônica *Marcha para o campo*)

As discussões que apresenta nesta crônica estão embasadas num fundo que contrasta os dois lugares. Podemos perceber: 1. A cidade apresentada como lugar de copistas, já que importam de outros países o que a “civilização” pode oferecer de bom e de ruim. A relação entre cópia e original na crônica “Livros” também é um desdobramento destes contrastes. 2. O sertão possuindo significado de atraso quando ligado à ordem econômica – há uma relação entre campo e imobilização, preferencialmente nos textos que discutem questões de ordem econômicas e políticas. 3. A aproximação com a ideia de *justaposição de épocas históricas*, quando diz que o campo está separado da cidade no espaço, mas também no tempo. Também quando

utiliza-se o termo “capitães-mores”, remetendo-nos ao tempo do império, como se ali a ordem social ainda tivesse ligada a outras questões. 4. O olhar para essa possível “vergonha de origem”, de sensação de inferioridade, para uma auto-depreciação do homem sertanejo, ligando novamente sertão a atraso (mesmo para apontar o que seria o olhar do outro, não o dele), a um lugar inferior ao seu espaço-espelho que seria a cidade.

Em “Linhas Tortas”, vamos perceber um traço fortemente irônico para lidar com a matriz sertão-cidade. Na primeira parte do texto de *Linhas Tortas*, ainda em 1915, ele tenta desmascarar possíveis visões que separam esses espaços simbólicos em polos de atraso e moderno, de civilização e barbárie:

- Mas não desanime. Chega-se aqui bruto a valer, sem saber mesmo nada, e depois de algum tempo está-se limado, polido. Eu, por exemplo. (...)

- Que fazia você naquela aldeia, Feliciano? Nada. Jogar bilhar, jogar gamão, jogar “loo” com Isidoro e o Marçal, comer dormir, andar de bicicleta, ir à missa... Uma desgraça. Aqui vive-se. (...)

Não pode continuar. Um automóvel que rodava a desfilada agarrou-o, atirou-o ao chão, passou-lhe por cima do corpo, vingou-me.

(Fragmento da crônica *Linhas Tortas*)

Algumas questões que surgem nesse texto são: 1. Um esforço em representar a dinâmica ambígua que envolve sertão e litoral, mostrando que as coisas estão muito mais cruzadas do que parecem. 2. Aponta ironicamente para o que para ele parece ser um discurso comum da época, insistindo que seria um tanto jocoso e depreciativo o olhar da cidade sobre o interior, do homem polido para o homem bruto. Muito ironicamente, é o automóvel, um dos maiores símbolos do progresso, que atropela e mata o personagem que se vangloriava de sua ilustração, conquistada na cidade. 3. Nesta crônica, apresenta também a ideia de mascaramento, de falseamento de uma possível visão da cidade ilustrada e do sertão bárbaro. Usa a imagem da “grossa crosta” para representar ironicamente o invólucro de sujeitos que tentam em vão apagar sua origem. 4. Possui um discurso contrário à interpretação de um país cindido.

Já em 1930, é possível observar um escritor consciente de quão tênue é essa fronteira cultural, percebendo muito mais a reprodução do conflito em lugares distintos, procurando representar um tipo de continuidade dos problemas.

O automóvel deixou a cidade, atravessou arrebalde de pequena importância, rodou aos solavancos numa estrada que margina casas decrepitas, miúdas e descascadas. Mulheres de cabelos de fogo, tranquilidade, silêncio, tudo morno e brasileiro, A agitação e o cosmopolitismo ficaram atrás (...) agora parece que as coisas em redor se imobilizaram.

Esse pé de mandacaru, transplantado para um subúrbio remoto do Rio, deita raízes na pedra do morro e esconde cuidadosamente os seus espinhos.

Certamente esses pobres seres anônimos, sem menção nas cantigas dos violeiros, desfizeram-se na poeira social, mas seu comandante está rijo, palestrando com um neto do coronel, não muito diferente do que era há trinta anos.

(Fragmento da crônica *Antonio Silvino*)

Aqui, acentua-se: 1. Uma ideia de continuação de problemáticas, tensões que estão na formação da sociedade brasileira e que se reproduzem e continuam. Seja a trinta anos atrás, no sertão, seja na área urbana, a relação de forças sociais se mantém. A noção de imobilização está agora no subúrbio, nas margens da capital, e não mais no interior, mantendo a mesma equação. 2. De novo, aparece a ideia de mascaramento, de algo que precisa ser escondido, representado pela imagem do mandacaru que agora na cidade tenta esconder suas raízes. 3. Surge sempre forte essa ideia de “transposição”, que nos remete a transporte, a mudança de posição, mas não de perda de uma possível essência. Parece-me que ao por as coisas assim ele mantém características que se vinculam a ordens culturais distintas, realimentando de algum modo a divisão. A imobilização está agora no subúrbio, nas margens da capital.

Num esboço de conclusão, uma hipótese plausível é a de que essas categorias móveis, de sertão e litoral, ou campo e cidade, nestas crônicas de Graciliano, são operadas de forma ambivalente entre o desfazer e o manter tal matriz, de modo que, ora apresenta as diferenças bem marcadas, ora matiza as duas categorias. Ele quer sim pensar as questões em torno da modernização do Brasil, e para isso busca também sua interpretação recorrendo a essa divisão simbólica. Penso que nestes textos há um empenho em diluir possíveis fronteiras simbólicas existentes entre sertão e cidade, mas, ao mesmo tempo, persiste uma escritura testemunho do mundo sertanejo, na apresentação da diferença, de alguma forma realimentando a discussão em torno dessa matriz e marcando-se como um sertanejo na cidade grande.

Na biografia de Graciliano Ramos escrita por Denis de Moraes (1992: p. 169) há um trecho de uma carta dirigida a Ciro dos Anjos, em 1938, na qual o escritor alagoano escreve sobre o filho que acaba de chegar de Pernambuco ao Rio de Janeiro: “O portador desta, meu filho Júnio, é um sujeito ignorante demais, antigo aluno do pior liceu do país, o de alagoas (...) o rapaz, que chegou, há pouco, meio selvagem, do sertão de Pernambuco”<sup>2</sup>. Na apresentação do filho pelo escritor, há uma questão de fundo comum que persiste inclusive através dos anos, qual seja a consciência do atraso da região: percebido na sua história do começo do século, presente em *Infância*, e percebido na década de 1930. Nesse caso, o atraso está relacionado ao desenvolvimento sociocultural distinto pelo qual passava cada região.

Na borda cultural em que parece se encontrar e de onde constrói seu olhar, há um esforço por denunciar o atraso e a distância que o sertão se encontra das atuações do poder público. Comparece, também, um discurso contrário a um tipo de autoritarismo cultural e econômico que tentaria passar por cima de outras realidades. “Desafio”, por exemplo, crônica que narra um repente entre um homem com sobrenome, de família conhecida, e um negro sem muita importância social, ele apresenta a existência de um possível processo de dominação cultural, de subjugação da cultura erudita (representante da cidade) sobre a cultura popular (representante do sertão). É possível identificar, portanto, um deslizamento da relação entre campo e cidade para relação entre oprimidos e opressores, entre cultura erudita e cultura popular, seja econômica ou culturalmente falando. Há um enfrentamento a certos discursos hegemônicos, que estariam ligados muito mais ao polo cidade, resistindo a um possível processo de homogeneização cultural ou de subjugação aos “donos intelectuais do Brasil”.

Enfim, Graciliano parece buscar o apagamento da noção de fronteira, apresentando os impasses que se constituem nos dois espaços, tanto no sertão quanto na cidade, e que, portanto, se constituiriam, na verdade, em diálogo. E de forma ambivalente parece buscar uma construção de uma identidade sertaneja a partir da diferenciação do outro urbano, numa reapresentação constante do que é o sertão, suas características, suas tradições, costumes, seu povo.

---

<sup>2</sup> Extraí essa citação do livro de Adriana Coelho Florent (2011: p. 119)

## Referências bibliográficas:

BASTIDE, Roger. *Brasil: terra de contrastes*. 10ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

FLORENT, Adriana Coelho. *Graciliano Ramos em seu tempo: o meio literário na era Vargas*. São Paulo: Terceira Margem, 2011.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

\_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

\_\_\_\_\_. *Viventes das Alagoas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.